

FANFICTIONS: APLICAÇÃO DA NARRATIVA E DO ROMANCE NO MEIO TRANSMIDIÁTICO

Tainá Oliveira da Cruz¹

Cristiane de Magalhães Porto²

Renata Tavares Benia³

Publicidade e Propaganda



ISSN IMPRESSO 1980-1785

ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

RESUMO

A educação tem passado por transformações ao longo dos anos devido à era da convergência, que sugere novas formas de ensino e aprendizagem. Ao mesmo tempo, também colabora com a distração dos alunos que, por estarem envolvidos às tecnologias, acabam afastando-se de suas obrigações escolares. A escola assume o papel de investigar soluções para direcionar a atenção dos alunos às aulas, buscando novas formas de ensino, mesclando os aparatos tecnológicos disponibilizados pelas instituições e, também, encontrado com os alunos, como é o caso dos smartphones, com os meios tradicionais. Com isso, o presente artigo parte de pressupostos encontrados em uma pesquisa exploratória, sob natureza bibliográfica, realizada a partir de livros e artigos pertencentes ao tema abordado. O estudo tem como finalidade a proposta reflexiva sobre o uso da narração, do romance e da narrativa transmídia na educação, com um direcionamento para a aplicação das *fanfictions* no processo educativo, buscando uma forma mais interativa e atrativa para o aprendizado dos alunos e, também, que possa ser utilizada em diferentes disciplinas, escolas e modelos de alunos.

PALAVRAS-CHAVE

Educação. Narrador. Narrativa Transmídia. Transmídia.

ABSTRACT

Education has been affected by transformations over the years because of the age of convergence, which suggests new ways of teaching and learning. At the same time, it also collaborates with the distraction of students who, because they are involved in technology, sometimes turn away from their school obligations. The school assumes the role of investigating solutions to direct students' attention to classes, while at the same time searching for new forms of teaching, merging the technological apparatuses made available by the institutions and found with the students, as is the case with Smartphones, with the traditional media. Therefore, this article is supported by assumptions found in an exploratory research, under a bibliographic nature, from books and articles on the subject. Thus, the purpose of this article is to reflect on the use of narrative, novel and transmedia narrative in education, with a focus on the application of fanfictions in the educational process, seeking a more interactive and attractive way for students to learn and so that it can be used in different disciplines, schools and student models.

KEYWORDS

Education. Narrator. Transmedia Storytelling. Transmedia.

1 INTRODUÇÃO

Os jovens estão, cada vez mais, conectados na esfera transmidiática. O acesso ao telefone móvel com maior facilidade e o surgimento frequente de novos artefatos e aplicativos proporcionam ao telefone novas funções. Elas, as funções, estão se tornando um dos principais motivos da dispersão dos alunos em sala de aula.

Em décadas passadas, o professor era a principal fonte de informação e conhecimento que iria ensiná-lo, além de alguns livros indicados, encontrados nas bibliotecas ou comprados. Hoje, porém, a informação está espalhada por todos os lados e basta alguns cliques em alguns dispositivos com acesso à internet, para que o indivíduo tenha acesso a tudo o que o professor ensina em sala de aula.

Não se tem mais um cenário tradicional onde o sujeito é um sujeito passivo que espera que as informações cheguem até onde este se encontra, mas um cenário extenso de possibilidades de contato, criação e disseminação de conteúdos em que o sujeito seleciona o que busca, como busca e o que fazer com a informação alcançada. (PORTO; BENIA, 2016, p. 375).

Assim sendo, a informação está cada vez mais presente na vida dos alunos, porém, algumas formas de aprendizado utilizadas antes das informações como são

tratadas hoje, como o gênero narrativo, estão entrando em um processo de extinção, conforme observou Benjamin (1994, p. 197). Este processo está ocorrendo devido ao comodismo que está surgindo na vida das pessoas, pois estas, acostumadas com tantas informações ao seu redor, deixam de apreciar a arte de ouvir quando não se trata de algo relativamente novo.

Contudo, o gênero narrativo ainda pode trazer muitos benefícios para o processo de ensino e aprendizagem. E, aliando-se aos artefatos tecnológicos e ao gênero romance, pode transformar as aulas em algo mais atrativo e convidativo para o aluno explorar os textos e demais abordagens escolhidas pelo professor. Estes processos diferenciados, utilizados pelos professores, podem melhorar o desempenho dos alunos em determinadas disciplinas de diferentes modos, tais como o incentivo a leitura e escrita, de forma que o aluno crie a história baseado não apenas no que foi lido e apresentado pelo professor, mas também pelo seu conhecimento prévio sobre o determinado assunto. Afinal, como cita Porto e Benia (2015, p. 1), “o indivíduo em sua essência é um indivíduo permeado por histórias. As histórias o cativa”, e elas, utilizadas criativamente, poderão melhorar o seu aprendizado.

Nesse sentido, por meio de uma pesquisa de cunho bibliográfico baseada em autores como Benjamin, Cunha, Jenkins, Carvalho, Santaella, dentre outros autores, o presente artigo tem como finalidade abordar reflexões do uso da narrativa e do romance aliado as *fanfictions*, como forma de ensino e aprendizagem em sala de aula.

Para tanto, o artigo irá explorar o narrador, tendo como aporte teórico os escritos de Walter Benjamin em sua obra *O Narrador*, relevante por tratar o assunto em um aspecto passado e futuro. Dentro de um contexto direcionado a educação, a narrativa pode ser usada com o apoio do romance. Por fim, acrescentam-se as *fanfictions*, histórias que podem ser baseadas tanto na narrativa quanto no romance, como forma de trazer uma dinâmica diferente para a sala de aula, abrindo espaço para novas formas de ensino e aprendizagem, com uma ideia mais colaborativa entre professores e alunos, buscando um equilíbrio no uso dos aparatos tecnológicos dentro da sala de aula.

2 AS NARRATIVAS ENQUANTO GÊNERO EMINENTE NO BOJO SOCIOCULTURAL

A narrativa tem como seu principal propagador o narrador, um ser distante, considerado por ter adquirido mais experiências em sua vida em relação a qualquer outra pessoa. O narrador é, sobretudo, aquele que passa para os outros suas histórias e ensinamentos de um passado muito antigo ou recente. Ele, diferentemente do romancista, é aquele que oferece conselhos, sua história costuma ter uma moral. Ao final da história, o ouvinte ou o leitor tiram um ensinamento daquilo que lhes fora apresentado, que pode ser aplicado à vida, por exemplo.

Diante disto, Benjamin (1994, p. 200), afirma que os conselhos pareciam antiquados devidos ao fato de que, as experiências não estavam mais sendo comunicáveis e, como consequência, não se podiam dar conselhos a si mesmo nem a outras pessoas. “A arte de narrar está definhando porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção” afirmou Benjamin (1994, p. 200-201). E isto foi visto com o passar dos

anos. O afinamento da arte de narrar também tem outros motivos como, o surgimento e grande utilização do romance, a informação, o desaparecimento do dom de ouvir e de pessoas com o dom ou a prática de narrar.

Perante este relevo, vale destacar que os indivíduos costumam usar a narrativa de forma a contar suas histórias, contam o passado, o presente e o futuro, suas expectativas, lições aprendidas e projetos. Porém, os sujeitos esquecem que, como afirma Cunha (1997, p. 188), “a narrativa provoca mudanças na forma como as pessoas compreendem a si próprias e aos outros”. E o fato da narrativa ser tão importante na própria autocompreensão e na dos indivíduos a sua volta, resulta que o uso desta na escola seja fundamental para o desenvolvimento social e pessoal do aluno.

Ainda é possível afirmar, segundo Cunha (1997, p. 189), que “através da narrativa ele vai descobrindo os significados que tem atribuído aos fatos que viveu e, assim, vai reconstruindo a compreensão que tem de si mesmo.” Por isso, ao recontar as histórias, as pessoas que contam e também as que ouvem, tiram lições e entendimentos do ocorrido. A narrativa não traz apenas o entendimento, mas o aconselhamento diante das situações.

Dessa forma, tem-se o narrador como aquele que sabe dar conselhos, mas nota-se que o romancista se torna o inverso, sendo aquele que não sabe dar conselhos, que está cada vez mais presente na vida das pessoas e que está ligado ao livro ou que não vem de uma tradição oral. O romancista surgiu no início do período Moderno ao fixar-se no livro, mas hoje assume uma perspectiva diferente. Na contemporaneidade sua relação é com as mídias digitais e tem substituído o papel do narrador, como afirma Benjamin (1994, p. 201). Nesse campo do romancista, tem-se o leitor do romance, portanto, como um leitor solitário, que lê aquilo pra si, não age como o narrador que partilha a história com os ouvintes, ele simplesmente “entrega” a história e a pessoa que “recebe” a lê e ali acabou o contato.

A informação tem uma parte da responsabilidade do declínio da narrativa, pois ela traz consigo um apanhado de explicações. Ela esclarece fatos, sem margem para interpretações, sendo adversa à narrativa, que tem como uma de suas características, fugir das explicações, sugerir que o leitor tenha diversas possibilidades de interpretação.

A saturação de informação também surge como uma das formas que está a levar o narrador para a extinção. Afinal, tudo hoje é informação, tudo está ligado a ela. É fato que o valor da informação é momentâneo e que ela tem como objetivo ser a mais completa possível, sem margem para qualquer outra interpretação do fato. E assim ela se difere da narração, onde, segundo Benjamin (1994, p. 203), “metade da arte narrativa está em evitar explicações” e, com o passar do tempo, a narrativa ainda abre dúvidas e novas interpretações sobre suas histórias.

A respeito desse ato de narrar, que ainda observado por uma ótica fragilizada em tempos atuais, o verdadeiro narrador, como identifica Benjamin (1994, p. 215) é aquele de contos de fadas, por este saber dar conselhos quando se torna difícil tomar decisões e por sempre oferecer ajuda nos casos de emergência. Estes conselhos do narrador são como os conselhos dos sábios, pois costumam ser adquiridos com a experiência deste, experiência esta adquirida pela sua vida e pela vida dos outros.

Nessa ótica, o dom de ouvir está sendo cada vez menos utilizado de forma que, as pessoas estão à procura de coisas que sejam rápidas, informações simples e que não ocupem seu tempo. Muitos alunos ficam dispersos nas aulas teóricas onde o professor expõe o seu conhecimento acerca de determinado assunto, pois eles perdem o interesse com o discurso não tão dinâmico do seu professor.

No entanto, apesar de está em declínio, a narrativa ainda tem artefatos que podem ser utilizadas no processo educacional, este que, por muitas vezes, se torna irrelevante para os alunos que estão mais preocupados com o que ocorre no mundo, do que com o que acontece em sala de aula. Eis aqui a noção basilar do narrador presidido no bojo escolar e, ainda, das metodologias atípicas e pertinentes que contemplem tanto o cotidiano do sujeito (contornado pelas mídias e pelo eixo interativo), quanto a conexão entre o espaço físico e on-line, promovendo assim, uma ação colaborativa e genuinamente decisiva em termos epistemológicos.

3 A INCLUSÃO DO ROMANCE E CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS NO RELEVO EDUCACIONAL

No contexto educacional, pode-se observar que o uso do romance é mais comum do que o uso da narrativa. Embora os professores pudessem trabalhar a narrativa, estando eles dispostos a partilhar histórias e conselhos, e arcar com o papel do narrador e incentivar seus alunos a também assumi-los. É um trabalho difícil uma vez que, a atenção dos jovens costuma estar voltada para os meios midiáticos, principalmente quando o assunto é tratado sem dinamismo, mas o professor pode adotar esta estratégia pedagógica e provocar sua memória para ajudá-lo a narrar.

Associar conteúdos da vida dos alunos, trazendo-os para o contexto da aula é algo interessante e que chamará a atenção destes, mas isso apenas não é suficiente. Cunha (1997, p. 189) relata acerca desse panorama ao afirmar que “não basta dizer que o professor tem de ensinar partindo das experiências do aluno se os programas que pensam sua formação não os colocarem, também, como sujeitos de sua própria história”.

Uma mudança na formação dos professores deve ser proposta, onde estes possam trabalhar mais com a narrativa, com suas histórias e experiências para trazer aos seus alunos um diálogo mais eficiente. Devem utilizar o romance, com seu individualismo e, ainda, trabalhar com as tecnologias digitais, trazendo o cotidiano dos jovens para a sala de aula.

Convém ressaltar que, a tecnologia é uma realidade e dela deve-se tirar proveito a fim de fomentar, aperfeiçoar, tornar dinâmicas as atividades cuja configuração se refletia, expressivamente, negativa ou frágil às concepções de alguns alunos em vista do rendimento escolar. Logo, não se deve restringir e sim adequar-se a esta realidade abarcada por tecnologias digitais e dispositivos móveis. Diversas propostas estão sendo estudadas para melhor satisfazer o processo educativo, ligando o aluno, seu suporte (smartphone, notebook, computador, *tablet* etc.), o assunto trabalhado em sala de aula e o seu docente.

Implica dizer que, a importância reside no fato de o que se é possível hoje é escrever as narrações, gravá-las para que não se percam por completo. Apesar de escrita, a narração não perde o seu sentido, ela pode perder um pouco de sua dinâmica, mas continua desempenhando o seu papel de dar conselhos e, por conseguinte, preservar a história. Ela, também, deve buscar novas formas de se inserir nas tecnologias, se incluindo em diversos suportes tais como livros digitais e redes sociais, para se tornar mais visível ao público, sendo este estudante ou não, que hoje passa o dia conectado.

Existem diferentes maneiras de se adequar as narrativas no plano de aula, porém, alguns modelos já descobertos não atendem a diferentes assuntos e disciplinas e alunos com diferentes perfis. Os professores, desta forma, necessitam ter a liberdade de criar novos modelos e utilizar novos dispositivos para melhorar o desenvolvimento do aluno sem retirar seus suportes, (*smartphones, tablets*) e sim, inserir-se neles. O aluno ganha, pois a aula será mais atrativa, o modo de aprendizado será eficaz e, em certos modelos, ele poderá aprender dentro e fora da escola, já o professor ganha, obtendo a atenção do aluno voltada para aula e a interação deste com o assunto e colegas.

Porém, um dos impasses encontrados no ensino é o fato dos professores serem imigrantes digitais e os alunos serem nativos digitais, conceitos criados por Prensky citado por Clemente (2013, p. 30). Assim, estes nativos têm uma maior compreensão e facilidade no uso das tecnologias, enquanto que os imigrantes, apesar de alguns se adaptarem, não conseguem desenvolver essas habilidades, impedindo-os de trabalhar com as tecnologias. Alguns imigrantes costumam não compreender a forma como os nativos trabalham com as tecnologias digitais, pois estes são capazes de utilizá-las enquanto fazem outras atividades e de forma mais rápida que alguns imigrantes.

As mídias digitais, segundo Santaella (2003, p. 25), são os suportes físicos onde as linguagens se corporificam e transitam. Elas também são os suportes para o processo de convergência. A convergência pode ser designada pela conexão feita pelos indivíduos, dos conteúdos espalhados pelos meios de comunicação. Estes sujeitos exploram os meios para extrair informações consideradas úteis.

Vale destacar que, este processo causou muitas transformações na área educacional e, a cada ano, as escolas tentam se adequar a estas transformações, aquelas que não se adequam trazem um ensino tradicional, desenvolvido apenas pelo giz, a lousa, livros e a palavra do professor que tem dificuldades em chamar a atenção dos alunos. Diante deste cenário de mudanças e busca por melhorias, surge à narrativa transmídia como mais uma forma de redimensionar os processos educativos e o aprendizado, em especial no que se refere à leitura e produção de texto.

4 NARRATIVA TRANSMÍDIA E AS NOVAS METODOLOGIAS DE ENSINO

A Narrativa Transmídia pode ser considerada como uma história que se desenrola pelos diversos suportes midiáticos tais como a Internet, os vídeo games, livros e histórias em quadrinhos. Cada meio é responsável por uma parte da história e, como sustenta Porto e Benia (2015, p. 7), "cada história desenrolada conta algo diferente,

mas que faça sentido e dê alusão à história mãe, à história principal [...]”. Implica dizer, portanto, que cada história pode necessitar de uma interpretação diferente da outra, já que cada uma, apesar do mesmo universo, tem pontos de vistas diferentes.

Contudo, para ser trabalhada na escola, a narrativa transmídia adquire uma característica de trazer novas formas de ensino e interação para com seus alunos. Essa interação visa o modo como os alunos se envolvem com o meio e como se relacionam entre eles. Trata-se de uma forma de tornar agradável a maneira de se trabalhar, pois se utiliza dos aparatos tecnológicos para o ensino e, assim, os professores conseguem a atenção dos alunos e os alunos ganham uma aula interativa e atrativa.

Utilizar-se da narrativa não exprime dizer que o giz, a lousa e o livro serão deixados de lado, mas acrescentar outras formas de ensino como o cinema e a gamificação e as *fanfictions*.

[...] a narrativa transmídia não propõe um modelo exclusivo para a educação, ao contrário, as possibilidades estão abertas e cada tentativa em melhorar os processos educacionais certamente poderá fazer uso de um novo e exclusivo modelo. (GOSCIOLA; VERSUTI, 2012, p. 6).

Desta forma, todo professor pode criar uma metodologia de ensino com a narrativa transmídia que mais se adeque a seus alunos e compartilhar este modelo com outros professores que podem se inspirar ou utilizá-lo com modificações. Quanto mais metodologias forem criadas e aperfeiçoadas, mais alunos serão beneficiados com a narrativa transmídia inclusa no ensino.

A noção firmada se vale da ideia de que, por trás de toda narrativa transmídia existem histórias e, portanto, são pontos importantes para encaminhar o sujeito ao contato com leitura, escrita, atividade colaborativa e, conseqüentemente, contato com outros tipos de produções de outros sujeitos. A transmídia pode lançar o enfoque para tal, e nesse sentido, imprime um fator social em prol do conhecimento muito expressivo (pelas novas formas de escrita, leitura, dinamismo dos conteúdos postos em rede on-line e contatos com outros sujeitos). Essa perspectiva do contato social no viés do discurso e do conhecimento é um dos pilares situados no dialogismo de Bakhtin. Assim.

[...] dialogismo seria o termo apropriado para anotar como a retomada de algo já posto em palavras por interlocutores dá-se a ver e a tencionar sentidos na materialidade do texto (ou do discurso), como ambos litorizam alianças e rupturas; [...]. (BAKHTIN apud ROCHA, 2012, on-line).

A relação da transmídia sob face do dialogismo cruza com a ideia do uso do letramento na escola, e traz uma opção para ser trabalhada. O letramento, segundo Alves (2014), vem a ser aquele que lê, escreve, cultiva e exercem prá-

ticas sociais que usam a escrita, que leva em conta o senso comum do aluno. Ou seja, aquilo que ele traz da sua experiência diária para dentro da sala de aula e a autora sugere que a escola permita o compartilhamento dessas práticas sociais para melhor aprendizado dos seus alunos.

No letramento digital, aquele que se faz por meio do computador e outros suportes como o *smartphone* e *tablets*, surgem as *fanfictions* que ganham conhecimento dentre os jovens e se torna um lugar com uma maior facilidade de aprendizado, pois ali ele produz o que quer e gosta. Nesse relevo exposto, Jenkins (2012, p. 13) propõe o encorajamento por parte dos educadores a ensinar aos alunos como se engajar criativamente com textos a partir do uso das *fanfics*.

5 CRIATIVIDADE E CRITICIDADE: FANFICTION E SEU USO NO CONTEXTO ESCOLAR

A *fanfiction*, também conhecida como *fanfic*, é uma ficção criada pelos fãs que pode ser divulgada em blogs, sites e fóruns, mas também podem ser escritas e não compartilhadas na Internet, mostradas a amigos ou guardadas para si. A obra que se deriva a ficção pode ser um livro, um game, uma história em quadrinho, um filme, um desenho, uma série e até uma pessoa, banda e outros tipos de objetos e sujeitos que podem ser explorados em uma história pelos fãs.

Alves (2014, p. 39), descreve-a como um termo que resulta da fusão de duas palavras inglesas, *fan* e *fiction*, que significam 'ficção criada por fãs' e que também pode ser chamada de *fic*. E Carvalho (2012, p. 11), designa os sujeitos que escrevem as *fanfics* como *ficwriters*, ou seja, escritores de *fics*. A autora ainda cita que estes *ficwriters* utilizam-se dos cenários, personagens, universos, da própria história e modificam seu enredo ou seu final, podendo até continuar a obra do ponto onde o autor original parou. Eles podem também dar visibilidade aos personagens coadjuvantes e até trocar os papéis de forma que os coadjuvantes virem os principais e vice-versa, inserem novos personagens e dão diferentes rumos a história. Assim, "[...] é válido ressaltar que as *fanfictions* tendem a surgir por um 'quê' de querer mais", como afirmam Porto e Benia (2015, p. 10).

Contudo, o surgimento da Internet foi um ponto de partida que norteou as *fanfictions*.

[...] Na década de 1990, o personal computer (PC), veio tornar possível o nascimento de sites variados cuja abordagem se destinava a exclusivos filmes, jogos, artistas, dentre outras produções tangenciadas. Com esses sites, surgiram também comunidades de fãs de específicos conteúdos e universos, o fandom. (PORTO; BENIA; LIMA, 2016, p. 376).

As *fanfics* eram escritas principalmente por mulheres em torno de 20 a 30 anos. No entanto, com o passar dos anos, o público escritor foi se diversifican-

do e, atualmente, se encontram indivíduos de todas as idades e gêneros, que criam as histórias e divulgam em sites e *blogs*. Um fato que deve ser pontuado é que, como afirma Jenkins (2009, p. 242), uma das características das *fanfics* é a não comercialização, os fãs criam as histórias com o objetivo apenas de compartilhá-las com outros fãs, e não buscam um fim lucrativo com a mesma.

Alguns usuários buscam nas fanfictions uma maneira de se deslocarem de uma realidade fixa nas histórias, ou de um determinado fato que não o agrada totalmente (ou que ainda sugere o sentido de brechas para outros acontecimentos) e, por essa ótica, transladam à leitura dessas histórias ou na produção da sua própria. (PORTO; BENIA; LIMA, 2016, p. 379).

Nas *fanfics* on-line, existem comunidades de fãs mais experientes que ajudam os novatos com dicas para aprenderem como deve ser feita sua história e dicas de gramática. Eles dialogam de forma informal onde os *ficwriters* conseguem compreender com muita facilidade.

A *fanfiction* é considerada como uma forma de letramento digital, porém pouco utilizada pelos professores para trabalhar o assunto. Soares, citado por Clemente (2013, p. 40), considera o letramento como a consequência de uma condição adquirida por um indivíduo ou grupo por apropriar-se das escritas e suas práticas sociais. O letramento também pode ser conhecido pelos termos de alfabetização, alfabetizado e outros, podendo adquirir termos mais específicos como, por exemplo, letramentos múltiplos, letramento acadêmico e letramento digital.

O letramento digital surgiu após os desenvolvimentos dos meios, onde uma nova forma de escrever, denominada como escrita digital, requeria dos seus usuários um domínio de informações e habilidades específicas, E, segundo Clemente (2013, p. 42-43), “[...] ele carrega em si a linguagem na comunicação mediada pelo computador e oferece muitos exemplos de novos usos de linguagem, cultura e conhecimento [...]”. A escola, por muitas vezes, não trabalha com o letramento digital e o aluno fica “iletrado”, mas alguns escritores e professores encontraram nas *fanfictions* uma forma da escola trabalhar este letramento em específico.

O fato de utilizar a *fanfic* em um contexto educativo ser positivo é porque uma parcela dos jovens já conhece o processo de criação dessa narrativa, pois eles já utilizaram ou, em algum momento, já leram uma *fanfic* na Internet. Contudo, isso também deve levar em conta que é algo que o aluno poderá trazer de casa e não apenas ser feito na escola. A razão se firma a partir da ideia que o aluno possui um conhecimento prévio, um conhecimento do senso comum, ele não é um ser vazio. Como afirma Freire (2005, p. 66), existe um problema chamado de ‘educação bancária’, onde o aluno é idealizado como um ser vazio, que deve ser preenchido com o conhecimento do professor.

Este problema é muito comum nas escolas e carece de mais atenção, pois ao solucionar este problema, abrirá espaços para a utilização de outras formas de apren-

dizagem. Estes devem incentivar uma troca de conhecimento entre professores e alunos e não apenas o recebimento de conhecimento por parte do aluno, afinal, este predispõe de um conhecimento que pode contribuir para as discussões e, até, iniciar novas discussões. Considera-se que, quando o professor utiliza-se dessas experiências para ensinar os mais diversos assuntos, o aluno irá associar o assunto ao seu cotidiano e facilitará o seu aprendizado.

Assim como explica Rocha (2012, on-line):

Seja qual for o assunto, o tema em estudo, acredito que o aluno sempre fará um paralelo com alguma experiência vivenciada ou com alguma situação empírica de seu cotidiano, do seu meio social. [...] o professor tem a missão de contextualizar as questões a serem discutidas a fim de cultivar o espírito de curiosidade e investigação dos alunos.

Ao solucionar o problema da educação bancária, pode-se retornar para soluções para cativar a atenção do aluno e melhorar o seu aprendizado. Deste modo, como já foi dito anteriormente, a utilização das *fanfics* é positiva no contexto escolar e as formas de utilizá-las são simples e podem abrigar praticamente todos os tipos de escolas. Desde escolas mais favorecidas como as menos favorecidas, pois não pedirá a disponibilização de um grande acervo de materiais além do que já é utilizado em sala de aula.

Jenkins (2012, p. 13), conclui que a *fanfiction* é o exemplo de ler criativamente e criticamente, pois esta se refere a histórias originais e romances ambientados nos universos fictícios de séries de TV, filmes e outras propriedades midiáticas. E, sendo o estímulo da criatividade e da crítica um dever diário nas aulas, o professor encontra nas *fanfics* uma saída para incentivar o aluno a praticá-las.

O professor pode encontrar algumas opções de soluções nas ideias de Jenkins (2012, p. 16-19), onde este cita o encorajamento dos estudantes para encontrarem exemplos de Sementes (Inclusão de informações na narrativa para direcionar o desenvolvimento da história), Buracos (Faltas sentidas pelos leitores que influenciam na compreensão dos personagens), Contradições (Duas ou mais sugestões de possibilidades alternativas para os personagens), Silêncios (Elementos excluídos da história que causam consequências ideológicas) e Potenciais (Histórias possíveis além dos limites da narrativa).

Também, os professores podem pedir que seus alunos considerem quais finalidades esses elementos acima exercem dentro do romance escolhido por eles. Convidar a especular bases para histórias adicionais de acordo com estes mesmos elementos, encontro de passagens que podem revelar detalhes sobre os principais relacionamentos dos personagens. E, ainda, discutir os elementos necessários para expandir o universo da obra escolhida, a criação de reflexões das descobertas tidas e o compartilhamento das histórias entre os estudantes, para terem noção das possibilidades de se construir histórias sobre os mesmos pontos de partida.

Estas novas estratégias de ensino têm a vantagem de serem acessíveis, pois já está na ementa do professor aplicar, ao menos, a leitura de um livro para seus alunos.

A mudança seria na forma como este livro seria trabalhado em sala de aula, estimulando, principalmente, a criatividade dos alunos em criarem novas bases e histórias, e a crítica, onde estes a aplicariam para a análise da obra lida.

E não é necessário se preocupar em pensar que, pelo fato dos alunos estarem recriando, eles não estarão desenvolvendo algo. Jenkins (2012, p. 22) sustenta que “cada vez mais experts em literatura estão reconhecendo que recriar, recitar e se apropriar de elementos de histórias preexistentes é uma parte valiosa e orgânica do processo pelo qual crianças desenvolvem a cultura literária”. Desta forma, é importante que os alunos façam este processo de recriação em sala de aula.

Com isso, pode-se aplicar essa estratégia na escola da seguinte forma, o professor passa para os alunos, romances ou narrativas que já compõem o material curricular da disciplina, sendo uma turma de ensino fundamental, médio ou superior. Em seguida, o professor pede aos alunos que leiam o livro e anotem as “lacunas” encontradas no enredo e pensem em possíveis seguimentos que possam ser derivadas deste. Após as anotações, os alunos são incentivados a criarem estas histórias com as lacunas e os seguimentos que eles consideram possíveis.

O professor pode pedir que seu aluno utilizasse de um ambiente ou contexto histórico e, até, requisitar que o aluno reescreva a história em um novo contexto, ao pegar, por exemplo, *Vidas Secas* de Graciliano Ramos e reescrever no contexto atual ou futuro. O professor, por fim, irá analisar a ortografia, gramática, coerência, coesão além da criatividade e criticidade do aluno.

Clemente (2013, p. 86), buscando compreender como o uso de *fanfictions* poderia servir como um recurso para ser trabalhado nas aulas de produção textual, realizou uma oficina com alunos na faixa etária entre 15 e 19 anos, estudantes do ensino médio do Colégio Estadual Euclides da Cunha, localizado em Teresópolis, município do Rio de Janeiro.

Em sua oficina, ela pôde entrevistar alunos e professores e compreender a visão de cada um a respeito do tema *fanfiction* e como gostariam que fosse trabalhado no contexto da disciplina de produção textual. Os alunos quando questionados se gostariam de trabalhar com o gênero digital *fanfiction* nas aulas de produção textual, responderam sempre positivamente e justificavam por ser uma forma mais interessante e fácil de aprender, por poder trabalhar com personagens conhecidos e por ter a possibilidade da criação, de utilizar suas ideias em um texto.

Trabalhar com a *fanfiction* nas aulas de produção textual tem o objetivo de estimular o aluno a ler, aprimorando sua reflexão e criticidade na obra e na leitura dos textos dos outros alunos e desenvolver a escrita com outros meios motivacionais. O professor deve levar em conta que muitas das obras que utiliza em suas aulas não estão ligadas ao gosto ou realidade dos alunos. Poderia ser mais proveitoso para os dois lados se o professor escolhesse um livro que estivesse mais relacionado com os alunos ou que os próprios alunos escolhessem o que seria lido, pois assim, o aluno sentiria interesse em ler ou buscar formas de deixar o livro interessante, como usando *fanfictions*. Na maioria das vezes, quando o professor escolhe uma obra que o aluno não sente o mínimo interesse, é muito provável que este não leia e procure um resumo na Internet, ou nem isso.

Em outra pergunta feita por Clemente (2013, p. 117) um dos professores participantes da oficina revelou que o uso do giz e da lousa por si só acabou, já não tem muito que oferecer aos alunos, é preciso modernizar e utilizar meios como *Datashow*, *Power Point* e vídeos retirados do *Youtube*. E pode-se observar que os próprios professores pedem à instituição escolar por estruturas, como laboratórios com computadores, Internet e muitas vezes não encontram. Mudanças precisam ser feitas tanto por parte da escola como por parte dos professores. A escola precisa passar a oferecer suportes tecnológicos para os professores (laboratórios com computadores, *tablets* ou até mesmo a Internet, que não é liberada, em muitas escolas, para uso na sala de aula), que por sua vez, devem procurar utilizar e explorar o máximo possível do que lhe é disponibilizado.

Porém, vale ressaltar que, muitos dos suportes que os professores querem por parte da escola, podem ser encontrados nas mãos dos alunos, tais como Internet, aplicativos de busca, de criação e edição de textos, de vídeos, dentre outros, pois muitos aplicativos de smartphones exercem essas funções que podem auxiliar suas aulas.

Contudo, o uso das *fanfics* é um meio simples que não necessita de suportes além dos quais já são utilizados pelos alunos, como o caderno para criar seus textos ou, se possível, o uso dos computadores que se encontra tanto em algumas escolas como em algumas casas dos alunos, como o smartphone que está na mão de professores e alunos. Este último é uma grande saída e um poderoso suporte para ser trabalhado, pois nele contêm as múltiplas opções de utilização, desde a pesquisa por meio dos navegadores, como as redes sociais como *WhatsApp* e *Facebook* que podem ser utilizados como recursos pedagógicos, aplicativos de smartphone que são destinados, especificamente, para o uso de professores e alunos como o Edmodo¹, o AVA, que é o Ambiente Virtual de Aprendizagem utilizado por faculdades e escolas, ainda os próprios aplicativos dos sites de *fanfics* que podem ser baixados e utilizados pelos estudantes.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Convém ressaltar que, o uso da narrativa, assim como o romance, são essenciais para a aprendizagem dos alunos. Cada um traz consigo um papel fundamental e uma forma a ser trabalhada que pode variar de professor para professor, mas que possui o intuito em comum de melhorar o aprendizado por parte dos alunos.

O incentivo da prática da narrativa merece destaque, pois a narrativa é parte da história e só costuma ser partilhada por meio dos contos entre o narrador e seu público. À vista disso, o cultivo dessa prática deve então ser contínuo e recomenda-se buscar formas de incluí-la nas tecnologias digitais para que esta sobreviva à era da convergência sem sofrer muitos danos e, principalmente, sem entrar em extinção como temia Walter Benjamin. Deste modo, proporcionará aos alunos futuros um conhecimento e prática da narrativa, onde estes possam aprender suas origens, parte de suas histórias e com elas aprenderam lições e soluções.

1 Criado para trazer a educação para um ambiente do século XXI.

Contudo, vale erguer a reflexão da importância de os professores procurarem novas estratégias de ensino e se sustentarem nos modelos derivados das narrativas transmídia. Devem trazer para seus alunos um ensino dinâmico e interativo entre eles que crie uma relação harmoniosa entre professor e aluno. Relação esta onde os dois se colocam em posição de educandos e educadores, onde cada um poderá compartilhar de suas experiências e, por intermédio delas, aprenderam mais.

Conforme o que foi aqui descrito pode-se, também, alentar por tal princípio oportuno, ao uso das *fanfics* como instrumento de ensino, onde os alunos possam ser letrados digitalmente e que tenham a liberdade de usar sua criatividade com a concepção de novas histórias derivadas de obras escolhidas pelos professores. Espera-se que, destas obras, eles possam se aproveitar para aprenderem sobre o autor, sua obra e o contexto em que foi produzida. Aprender a dar continuidade a uma obra e, principalmente, a criar e a criticar uma história e sustentar suas opiniões em dados colhidos por meio do que foi aprendido em sala de aula.

Assim, os professores poderão utilizar o melhor de cada meio e juntos criarem uma nova metodologia para aplicar as *fanfics*. Metodologia esta que fará a ligação com os livros de narrativa e o romance ao cotidiano dos alunos, trazendo obras antigas para serem reformuladas e estudadas, estimulando sua criatividade e interesse.

Apesar do gênero *fanfiction* não ser conhecido por uma parcela de professores e alunos, ele não impede que estes aprendam a usá-lo. Os repositórios de *fanfictions* disponibilizam informações que auxiliam na aprendizagem da plataforma e, ainda, uma proposta significativa é o fato dos alunos realizarem a aprendizagem colaborativa juntamente com os professores.

REFERÊNCIAS

ALVES, E. **Um estudo sobre fanfictions:** a leitura e a escrita no ambiente digital. Disponível em: <<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/1387/1011>>. Acesso em: 14 jun. 2016.

BENJAMIN, W. **O Narrador:** considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994. p.197-221. Disponível em: <<http://www.cadernodematerias.files.wordpress.com/2012/03/o-narrador-walter-benjamin.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2016.

CARVALHO, L. **Práticas de leitura e escrita na contemporaneidade: jovens e Fanfictions.** Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/56394/000860576.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 14 jun. 2016.

CLEMENTE, Bianca Jussara Borges. **O uso do fanfictions nas aulas de produção textual no ensino médio.** Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/linguisticaaplicada/site/dissert/2013biancacleme.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2016.

CUNHA, M. Conta-me agora! as narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **R. Fac. Educ**, São Paulo, v.23, n.1-2, p.185-195, jan-dez. 1997. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rfe/article/view/59596/62695>>. Acesso em: 8 jun. 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GOSCIOLA, V; VERSUTI, A. **Narrativa transmídia e sua potencialidade na educação aberta**, 2012. Disponível em: <http://oer.kmi.open.ac.uk/wpcontent/uploads/cap08_redeice.pdf >. Acesso em 1 abr. 2016.

GUSMÃO, Denise Sampaio; Souza, Solange Jobim e. História, memória e narrativa: a revelação do “quem” nas histórias orais dos habitantes do Córrego dos Januários. **Psicologia & Sociedade**, v.22, n.2, p.288-298, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v22n2/09.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2016.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. 2.ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JENKINS, H. **Lendo criticamente e lendo criativamente**. Disponível em: <<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/viewFile/375/pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2016.

PORTO, Cristiane de Magalhães; BENIA, Renata Tavares. **Fanfics como ferramentas colaboradoras na educação pelo conhecimento informal**. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-3565-1.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2016.

PORTO, Cristiane de Magalhães; BENIA, Renata Tavares; LIMA, Daniella de Jesus. **Unleash your imagination: os fandoms e a contribuição das fanfictions para o contexto educacional baseada no caso da narrativa de HIM**. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/30419/17262>>. Acesso em: 12 nov. 2016.

ROCHA, A. **Ideologia e dialogismo: o que de Bakhtin cabe na sala de aula?** Disponível em: <http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao19/reflexoes/reflexoes_ensino_linguas_02.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2016.

SANTAELLA, L. **Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano**, 2003. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/viewFile/229/174>>. Acesso em: 2 mar. 2016.

Data do recebimento: 7 de dezembro de 2017

Data da avaliação: 7 de dezembro de 2017

Data de aceite: 12 de dezembro de 2017

1 Graduada em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda – UNIT/SE; Bolsista de Iniciação Científica PROBIC e PROVIC – UNIT/SE; Membro do Grupo de Pesquisa Educação, Tecnologia da Informação e Cibercultura – GETIC/UNIT/CNPq. E-mail: tainacrz1@gmail.com.

2 Pós-doutorado em Educação – UERJ; Doutora Multidisciplinar em Cultura e Sociedade – UFBA; Mestrado em Letras e Linguística – UFBA; Pesquisadora do Instituto de Tecnologia e Pesquisa – ITP; Bolsista em Produtividade em Pesquisa do CNPq – Nível 2; Professora do Curso de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação da Universidade Tiradentes – Unit; Líder do Grupo de Pesquisa Educação, Tecnologia da Informação e Cibercultura – GETIC/UNIT/CNPq). E-mail: crismporto@gmail.com.

3 Graduada em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda na Universidade Tiradentes – Unit (2015); Graduada em Letras Português Espanhol na Universidade Federal de Sergipe – UFS; Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/COPEs na Universidade Federal de Sergipe – UFS; Membro do Grupo de Pesquisas Poéticas Fotográficas – UFOP, UFS, UFBA/CNPq e da RedeGrafo - Rede Integrada de Pesquisa sobre Teorias e Análise da Fotografia. E-mail: renatabenia@gmail.com.

